UMA ANÁLISE DO PROCESSO MIGRATÓRIO DOS ÍNDIOS TERENA PARA O PERÍMETRO URBANO DA CIDADE¹

Graziella Reis de SANT'ANA²

RESUMO

Os Terena do Mato Grosso do Sul, objeto desse estudo, são remanescentes da família de língua Aruak e pertencem ao subgrupo Guaná. Conhecidos como exímios agricultores, os Terena percorreram, em tempos atrás, várias regiões do Chaco (Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai). Com a chegada dos espanhóis os deslocamentos viriam a ser uma das saídas contra a submissão imposta pelos colonizadores. Passados séculos os Terena continuam a migrar e a lutar pela sobrevivência, porém agora em outro território, a cidade. Este trabalho tem por objetivo analisar o processo de migração Terena das aldeias do Mato Grosso do Sul para o perímetro urbano da capital e verificar quais os principais motivos das migrações e quais as dificuldades ou facilidades encontradas na adaptação com o novo meio.

Palavras-Chave: Migração; cidade; cultura; índios Terena.

O Estado do Mato Grosso do Sul (MS) possui hoje, segundo dados da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, um dos maiores índices de população indígena vivendo nos centros urbanos. Só na capital foram constatados, aproximadamente, 5.000 indígenas e desses cerca de 2.500 são índios Terena. Esse processo, de transferência da aldeia para a cidade, teve início na década de 20 (vinte), com a vinda de apenas alguns Terena para a cidade de Campo Grande; desde então o processo vem se intensificando e a cada ano aumenta o número de famílias Terena vivendo na sociedade urbana.

Primeiramente destacaremos alguns aspectos da cultura tradicional dos índios Terena e demonstraremos – através da trajetória que percorreram antes da chegada

¹ Este trabalho é resultado da pesquisa: *O Processo Migratório dos Índios Terena do Mato Grosso do Sul para o Perímetro Urbano da Cidade*, apresentado na VI Jornada de Iniciação Científica da FFC/UNESP, 13 e 14 de setembro 1999; XI Congresso de Iniciação Científica de Ciências Humanas, na FCT/UNESP, de 10 a 12 de novembro 1999; e VII Jornada Nacional de Iniciação Científica, realizada durante a 52ª Reunião Anual da SBPC, de 09 a 14 de julho de 2000, no Câmpus da UnB, DF.

² Aluna do 5º ano de Ciências Sociais, orientanda do Prof. Dr. Mauro de Melo Leonel Júnior. Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - 17525-900 - Marília, São Paulo.

na cidade – suas formas de contato com a sociedade envolvente bem como as situações a que foram submetidos, reunindo assim elementos necessários para a compreensão do processo migratório (aldeia-cidade), suas causas e conseqüências para a comunidade Terena que reside hoje em Campo Grande, conforme proposta deste trabalho.

ORGANIZAÇÃO CULTURAL DOS TERENA

A bibliografia a respeito dos Terena é comparativamente menor com relação às bibliografias referentes às outras etnias Guaná (Kinikinau, Exoaladi e Layana). Apesar do século XVIII ser considerada a idade de ouro da literatura sobre o Chaco, poucas referências são feitas aos Terena. É a partir de 1844-45, com Castelnau, que veremos uma literatura a respeito desse grupo.

Portanto, dada as dificuldades em se retratar um quadro geral da organização cultural Terena, os aspectos que aqui serão apontados, são aqueles considerados relevantes para a compreensão da tradição Guaná e que se encontram mais bem documentados pelos cronistas da época. Destacaremos alguns pontos da organização social e do processo de estratificação, como também, aspectos da antiga vida cerimonial.

A organização social, descrita pelos cronistas, aponta que as famílias Terena formavam uma unidade econômica e cooperativa (especificamente agrícola), na qual as tarefas como preparo do solo, caça e fabricações de instrumentos cabiam aos homens, enquanto que o plantio, a colheita, a cozinha e a tecelagem eram funções das mulheres. Numa casa viviam marido, mulher, filhas e filhos solteiros, genros e netos. As casas (Ovokúti) se distribuíam na aldeia ao redor de uma praça central (Nónevokúti), ficando as roças e plantações separadas:

Na aldeia havia cerca de 100 a 120 casas unidas umas as outras. Eram longas cabanas formando um círculo em torno de uma grande praça. Parecem grandes ranchos cobertos com imensos tetos de galhos de palmeiras. (CASTELNAU apud OBERG, 1990, p. 26).

Socialmente os Terena se dividiam em duas metades endogâmicas, e simétricas em suas relações: a Sukirikionó (caracterizada pela maturidade, seriedade e tranqüilidade) e a Xumonó (caracterizada pela juventude irrequieta e brincalhona). Essa divisão era mais

aparente, segundo etnólogos como Oberg e Altenfelder, durante a época das colheitas, quando ocorriam festividades como o Oheokoti. As duas metades (durante o ritual) deveriam assumir comportamentos diferentes: os Xumonó, mostrando-se brincalhões e provocativos, e os Sukirikionó, tranqüilos, não podiam revidar às brincadeiras dos primeiros.

Cada uma dessas metades se dividia ainda em três camadas também endogâmicas, a saber:

- Naati ou Naati-Atxé, que representava os caciques ou "chefes do povo";
- Waherê-Txané ou Maxati-Txané, representando os homens comuns ou o povo;
- Kauti, que seriam os cativos, geralmente obtidos na guerra.

Cada aldeia Terena possuía um cacique Naati-Atxé para os Sukirikionó e um para os Xumonó, e a transmissão desses cargos se fazia de forma hereditária dentro da classe Naati. No caso de morte de um cacique, seu filho mais velho deveria substituí-lo, e o rito da posse era realizado na festa do Timé.

Outro personagem fundamental para a compreensão da organização cultural Terena é o Koixomuneti (xamã). Além de invocar os espíritos pedindo proteção e cura, o xamã é o protagonista de festas religiosas de grande mobilização e importância, como o Oheokoti. (festa que ocorria sempre quando as Plêiades atingiam seu ponto máximo no céu, entre abril e maio)³.

Castelnau presenciou uma dessas festas em maio de 1845 e, constatou, que a participação da comunidade era intensa, todos trabalhavam na colheita e preparo dos alimentos, na busca do mel para fazer o "licor espiritual", na confecção dos adereços utilizados nas danças, etc. Os Koixomuneti dirigiam as festas, escolhiam aqueles que iriam dançar e tocar, como também as comidas que seriam servidas. Durante vários dias todos se mobilizavam em torno dos xamã, que tanto intercediam pelos espíritos dos mortos como pelas colheitas.

Cardoso de Oliveira (1976) ao falar sobre as festividades, dizia que estas eram de vital importância para a comunidade Terena, pois além de sua "função manifesta"

³ Plêiades é o nome dado ao aparecimento da constelação das sete estrelas, quando estas atingem seu ponto máximo no céu.

elas manteriam, de uma certa forma, a solidariedade tribal e fortaleceriam a consciência de grupo.

MOBILIDADE TERENA

Estudos comprovam⁴ que homens pré-históricos habitaram, há aproximadamente 11 mil anos, a região que é hoje o estado do Mato Grosso do Sul. Estes grupos seriam provavelmente originários das levas que vieram do norte e do ocidente e depois do sul do continente sul-americano, sempre guiados pelos cursos fluviais.

Segundo Souza (1973), pelo menos quatro grandes famílias povoaram o território sul-americano, "oriundos de territórios asiáticos Norte-orientais e malaio-polinésios", seriam elas: as do Caribe; as do Gê; as do Aruak e as do Tupi-Guarani.

Os Terena, remanescentes da família Aruak, são conhecidos como provenientes do Chaco Paraguai, região que abrange territórios da Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil. Segundo alguns autores certas características da cultura Aruak (aspectos lingüísticos, enterros em urnas, etc.) encontram-se presentes também em outras famílias lingüísticas de outros territórios fora do Chaco, como a Venezuela e a Colômbia.

A difusão de certos elementos culturais foi possível graças a grande mobilidade dos povos indígenas naquele momento. Dentre os principais fatores que convergiam para essa movimentação, no caso Aruak, estavam: a busca de terras propícias ao plantio (dado à característica agrícola desses povos e a pouca fertilidade das terras chaquenas) e o intercâmbio de bens "sobretudo no que diz respeito às famosas lâminas de metal de proveniência incaica e que se tornaram conhecidas antes de os europeus ouvirem falar no Eldorado".(CARVALHO, 1998, p.459).

A partir do século XVI iniciou-se a penetração espanhola em terras chaquenas à procura de riquezas. Muitas foram às expedições de reconhecimentos, sempre marcadas por um forte genocídio.

Os Terena, que sempre realizaram deslocamentos ao longo de sua história, povos nômades por tradição, perceberam-se acuados diante das invasões espanholas que, de certa forma, colocavam barreiras em suas locomoções pela região do Chaco. Com isso começaram a descer o rio Paraguai (século XVIII) em direção ao Sul do Mato Grosso.

⁴ MARTINS, 1992.

OS TERENA NO MATO GROSSO DO SUL

A migração mais expressiva da população Guaná para as terras do MS teria ocorrido em meados do século XVIII, mais precisamente em 1767, momento em que os franciscanos substituíam as missões jesuítas. Nessa época pequenas ondas pastoris começavam a ocupar a região, "até então apenas as bandeiras haviam penetrado naquele território, ou para prear índios ou para atravessar a região rumo ao lendário império incaico" (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 55).

Somente no século de XIX, após a guerra do Paraguai (1869), se iniciaria, de fato, um processo de ocupação, pois muitos soldados desmobilizados naquelas áreas não voltaram para suas terras de origem:

Mais do que a guerra em si mesma foi essa segunda onda humana que como sua conseqüência iria proporcionar aos grupos Guaná e, especialmente aos Terena, uma nova situação de conseqüências dramáticas para eles, porquanto determinou o engajamento dessas populações a uma economia de caráter escravista. A esse período referem-se os Terena modernos como ao tempo do cativoiro. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976, p. 57).

Na medida em que eram espoliados de suas terras – por aqueles que resolveram ocupar a região retirando do caminho qualquer "empecilho", ou mesmo pelo governo do estado que doou terras para garantir as novas fronteiras – os Terena expandiam-se pelas fazendas que estavam surgindo (não raro absorvidos como mão-de-obra cativa) e por outros territórios sul mato-grossenses.

Essa situação perdurou até 1904, momento em que o Marechal Cândido Rondon passava pelas terras do MS construindo as linhas telegráficas. Na época Rondon constatou as dificuldades enfrentadas pela comunidade Terena e, através de sua intervenção nas câmaras municipais, algumas reservas foram criadas e muitos indígenas foram libertos da situação em que se encontravam. Em 1910, sob a direção do então Serviço de Proteção aos Índios, Rondon deu continuidade ao processo de demarcação das terras indígenas, reagrupando muitas comunidades que estavam dispersas.

A atuação de Rondon e sua comissão foram de vital importância para as comunidades Terena; provavelmente, sem essa ação o número de indígenas e reservas seria

bem menor e as complicações bem maiores. Mas, apesar dos benefícios conseguidos, a política indigenista desenvolvida na época queria a todo custo integrar o índio à sociedade nacional: as aldeias eram demarcadas próximas aos centros urbanos, o que facilitava e acelerava o processo de transformação e integração.

As áreas demarcadas, além de estarem próximas às cidades que começavam a surgir (devido ao incremento econômico proporcionado pela construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil -NOB) eram sempre muito pequenas, principalmente diante de um número cada vez mais crescente de índios Terena.

Diante desse quadro, era inevitável que a tradicional organização Terena sofresse transformações. As segmentações que foram ocorrendo entre as aldeias impossibilitavam certas linhas de relações necessárias para a manutenção da antiga ordem tribal.

Segundo Brandão (1986), os Terena tiveram que se adaptar a essa nova situação reelaborando suas estruturas, e a identificação que antes era dirigida às camadas e clãs, agora se dirige para a aldeia de origem - "a aldeia de onde eu sou"- ao invés da camada Unati ou Waherê-Txané.

Seja uma reelaboração, ou mesmo a criação de uma nova estrutura, o certo é que esse "arranjo" provocou grandes mudanças na vida em aldeia, mudanças que podem ter afetado toda uma lógica tribal. No entanto, apesar de todas as situações e modificações pelas quais passaram, o sentimento de uma identidade, de um "nós Terena", permaneceu vivo, mesmo entre aqueles que deixaram suas aldeias de origem rumo às cidades, enfrentando novas situações, como veremos a seguir.

MIGRAÇÕES PARA A CIDADE

As cidades já eram conhecidas por muitos, pois com reservas tão próximas aos centros urbanos era quase impossível um jovem não tê-las visitado pelo menos uma vez. Quando retornavam traziam novidades, seja das coisas que viam ou dos objetos que conseguiam comprar. A década de vinte, marca o início das migrações Terena para os centros urbanos, que foram intensificadas nos anos trinta, com a expansão da febre espanhola nas reservas.

Em 1960⁵, foram registrados 88 indivíduos Terena (agrupados em 15 grupos domésticos) residindo em Campo Grande. Os principais motivos alegados, na época, para a transferência aldeia-cidade eram: conflitos religiosos, conflitos políticos, dificuldades de crescimento econômico dentro das reservas, entre outros.

O migrante buscava encontrar na cidade boa escola para seus filhos, empregos com boas remunerações, melhores postos de saúde e lazer. Nesse sentido, a vida na cidade representava, para o Terena, a elevação do nível de vida em relação à aldeia. Contudo as realidades encontradas não eram nada favoráveis: geralmente os indígenas instalavam-se em bairros de periferia e os empregos encontrados estavam longe das expectativas. Além de todas essas dificuldades os Terena sofriam grandes discriminações, levando alguns, a situações extremas: a negação de uma origem indígena ou, até mesmo, (como constatamos em entrevistas) o castigo por parte dos pais aos filhos, quando estes diziam palavras no idioma tradicional.

O que aconteceu é que fomos discriminados, fui discriminado, passei catorze anos da minha formação de vida falando que era japonês, porque era mais fácil - o índio era um preguiçoso e o japonês era trabalhador; o índio era um turrão e o japonês era inteligente, então fui levando essa identidade para poder superar muitas dificuldades (TERENA, 2000, p.36).

No entanto, apesar das reações contra uma origem tribal, era muito comum entre eles à formação de linhas de relações na cidade; mesmo com muitos morando longe os elos permaneciam. Segundo Cardoso de Oliveira, os Terena não procuravam recriar, dentro da cidade, uma vida perdida na aldeia, pelo contrário, buscavam viver como qualquer cidadão urbano, o que não impedia as linhas de relações, que de certa forma eram fortalecidas, estimulando assim o convívio em grupo.

CONSTATAÇÕES DO TRABALHO DE CAMPO

Até aqui procuramos demonstrar, através de um levantamento bibliográfico, a trajetória e a acomodação dos Terena no meio urbano até a década de 60 (sessenta).

⁵ Cf. CARDOSO DE OLIVEIRA, 1968.

Passaremos agora a expor, o que constatamos no trabalho etnográfico desenvolvido⁶, como também, novas pesquisas e dados envolvendo as populações indígenas urbanas em Campo Grande.

Apesar da ênfase dessa pesquisa ser a comunidade Terena na cidade, as visitas feitas às aldeias do MS são importantes, pois fornecem uma visão maior do processo migratório (aldeia-cidade), suas causas e conseqüências.

Aldeia Água Branca

Situada aproximadamente a 300 quilômetros da capital, a aldeia Água Branca fica próxima ao município de Aquidauana (reserva Taunay/Ipegue).

As casas, não mais dispostas na forma tradicional, são feitas de barro, cobertas por telhados de palha e algumas com os cômodos separados; nelas moram pai, mãe, filhos e filhas solteiros. Próximas às residências existem algumas plantações, o que ajuda na alimentação, contudo, nem todos os alimentos consumidos atualmente são plantados e colhidos, obrigando as famílias a freqüentes visitas às mercearias próximas a aldeia para adquirirem os produtos que faltam. Para obter esses produtos são necessários recursos econômicos, por isso muitos Terena, como na época da pesquisa de Cardoso de Oliveira, trabalham sazonalmente em plantações da região; as mulheres também buscam uma complementação da renda familiar, através da venda de alguns produtos - da lavoura (piqui, palmito amargo, etc.) e do artesanato - nas cidades.

Dentro dos limites da reserva existem ainda uma escola, que atende somente até a quarta série do ensino fundamental, um posto de saúde fechado, e duas igrejas: uma católica e uma protestante, esta última coordenada por um pastor Terena.

Todos na reserva falam o idioma tradicional, e o português só é utilizado quando falam com alguém da cidade.

Os Terena são muito receptíveis, não se limitam a contar histórias e falar sobre o passado de seus pais e avós. A partir de suas histórias, depoimentos e das nossas observações tentaremos demonstrar, brevemente, a situação dos índios nas aldeias.

⁶ Janeiro de 1999: visita a reserva Limão Verde, próxima ao município de Aquidauana/ MS; Fevereiro, Julho e Dezembro de 1999: visitas as famílias residentes em bairros de Campo Grande. Janeiro de 2000: visita à reserva Água Branca, próxima ao município de Taunay/MS; Fevereiro e Julho de 2000: visitas as famílias Terena residentes nos bairros de Campo Grande; Dezembro de 2000: visita a reserva Água Branca e famílias Terena residentes em Campo Grande. Janeiro, Fevereiro e Julho de 2001: visitas as famílias Terena residentes em Campo Grande.

- *Vida em aldeia*

A região em que se encontra a reserva Água Branca é rodeada de uma rica vegetação pantaneira, região essa que atrai inúmeros turistas todos anos.

A rotina deles é simples: acordam sempre muito cedo, aqueles que trabalham nas cidades pegam o ônibus fretado pelo município que passa dentro da reserva, os que ficam, ajudam na lavoura e nos serviços domésticos; alguns adolescentes em idade escolar vão para escolas das cidades vizinhas.

Possuem várias dificuldades: falta de espaço e incentivos financeiros para o plantio, falta de um posto de saúde próximo, escolas para os jovens, entre outros.

À primeira vista as dificuldades e o cotidiano desses Terena em nada difere da vida de muitas famílias da região, no entanto, quando escutamos suas histórias, observamos a convivência entre eles, o respeito pela palavra do chefe tribal, percebemos que se trata de um grupo específico e diferente das demais famílias sul mato-grossenses.

Através de suas histórias constatamos que a memória Terena é muito viva, lembram do tempo de seus pais, da forma como estes adoravam a lua e o sol; a maneira como os Koixomuneti exerciam os seus poderes; as antigas formas de casamento e rituais, enfim recordam elementos importantes para a compreensão da história Guaná.

Da antiga organização cultural restaram alguns aspectos (bastante sincretizados), dentre eles podemos citar: as metades Sukirikionó e Xumonó, (reativadas nas épocas de festas), o ritual do Oheokoti, permeado de elementos cristãos, uns poucos Koixomuneti e os caciques (eleitos de quatro em quatro anos).

Os Terena reconhecem as transformações vividas por sua cultura, alguns mais velhos são saudosistas dos tempos de seus pais e avós, no entanto, as transformações foram inevitáveis, a convivência com a sociedade nacional criou novas situações e conseqüentemente novas necessidades. Atualmente é difícil encontrar um Terena que, não considere importante "estudar fora", pois o estudo (nos seus diferentes níveis) pode oferecer a oportunidade de uma formação profissional, tão necessária hoje para a subsistência na reserva.

A idéia de que a cidade pode proporcionar melhorias quanto à formação profissional é um consenso, mas quando perguntamos o que acham de morar

definitivamente na cidade muitos consideram a proposta complicada, pois, "lá tudo tem que pagar".

Dona Leda (índia Terena que nos recebeu em sua casa, quando da nossa visita), nunca morou na cidade, mas, possui dois filhos que foram para lá, "adquirir conhecimento". Um foi para o Rio de Janeiro, fazer teologia (e atualmente coordena uma igreja protestante na área) e o outro foi para Campo Grande cursar Pedagogia. Ela considera que foi importante a saída dos filhos, pois, na volta, trouxeram benefícios para as aldeias. Seus filhos também consideram as viagens essenciais para o aprendizado e obtenção de uma formação profissional, mas somente as migrações temporárias, pois mudar definitivamente para os centros urbanos pode ser muito difícil para um Terena acostumado com a vida em aldeia:

Os patrícios que vão para a cidade definitivamente estão na maioria das vezes iludidos com a possibilidade de encontrar melhorias em tudo, só que quando chegam na cidade encontram fome e discriminação... Os índios deveriam permanecer nas aldeias, pois aqui a gente não paga aluguel.(informação verbal)⁷

Porém, apesar de todos esses "custos", vários Terena transferem-se todos os anos para as cidades do MS, principalmente para a capital, Campo Grande, como veremos a seguir.

- Vida na cidade

Como verificamos anteriormente, a década de 20 (vinte) foi à época em que os Terena deram início ao processo migratório para os centros urbanos. De lá para cá o processo se intensificou, e atualmente, de acordo com o último censo, existem cerca de 770 famílias Terena vivendo na capital do Mato Grosso do Sul.

Os migrantes moram nos bairros da periferia, vivem com baixos salários e enfrentam as mesmas dificuldades e os mesmos problemas das comunidades carentes de Campo Grande. Demonstraremos a atual situação dos índios, as causas e conseqüências das migrações para a cidade, através do bairro Marçal de Souza. Escolhemos esse bairro, pois,

⁷ Estevinho Terena, morador de Água Branca, filho de Elida.

além de reunir um número expressivo de famílias (cerca de 130) Terena, é considerado uma aldeia urbana dentro da na cidade.

BAIRRO MARÇAL DE SOUZA: UMA ALDEIA EM TERRITÓRIO URBANO

Segundo Fernandes (1997), na madrugada do dia 9 de julho de 1995, cerca de 55 famílias de etnia Terena ocuparam um lote pertencente à FUNAI, um fato inédito no país. Dessas famílias cerca de 38 já residiam em bairros de Campo Grande.

A maioria das famílias, residentes nesse bairro, migrou em busca de trabalho assalariado, escolas e melhores postos de saúde. Outros ainda disseram que os principais motivos foram: o falecimento de pessoas próximas, a busca de creches para as crianças, divórcios, etc.

Os principais empregos encontrados pelos homens, tanto na época da ocupação como hoje, ainda são na construção civil. Entre as mulheres as principais funções desenvolvidas são as de empregadas domésticas e de feirantes.

No início, as casas eram barracos de lona, sem água encanada ou luz elétrica. Atualmente, devido aos esforços e reivindicações da comunidade, foram construídas casas de concreto com toda a infra-estrutura necessária. Também foi conquista dessas famílias a construção de uma escola dentro do bairro, de ensino bilíngüe - português-terena -, e a construção de um Memorial da Cultura Indígena.

Assim como na aldeia, no bairro também existe uma liderança, no entanto uma liderança feminina, Enir Bezerra⁸. Junto a ela todos se reúnem e discutem soluções para os problemas e possíveis melhorias para o bairro; participam de reuniões, debates e outros eventos maiores que ocorrem na cidade, sempre levando a causa indígena e colocando-a para a sociedade como algo real. Foram dessas reuniões que surgiram os projetos voltados ao resgate e preservação de aspectos da cultura Terena (danças, artesanato e língua).

Considero importante o ensino da língua, as danças e o artesanato pois é uma tradição do nosso povo. Houve durante muito tempo um descaso, até mesmo um sentimento de vergonha de ser Terena por alguns, mas hoje procuramos reverter isso, principalmente entre as crianças, pois elas são o futuro da nossa gente (informação verbal)⁹.

⁸ Atualmente existe outra liderança no bairro

⁹ Enir Bezerra

Porém, mesmo tentando resgatar, preservar e reproduzir aspectos de sua cultura, muito foi perdido, como as metades Sukirikionó e Xumonó, as castas Naati, Waherê-Txané e Kauti. No entanto, apesar de alguns aspectos da cultura tradicional terem sofrido – principalmente na cidade – várias modificações e não possuem a mesma função que tinham nos tempos antigos, a prática, desses elementos (modificados e sincretizados), estimula a solidariedade tribal.

Portanto, percebemos que há entre eles uma forte dinâmica de ação cultural, pois agrupados e organizados vivem, existem como etnia, isto é, mesmo tendo dificuldades na sociedade urbana, os Terena criam situações de uma nova vivência social, oportunidade em que a solidariedade para com o patricio, a preocupação com a formação futura das crianças e a produção cultural, tornam-se elos importantes para a continuidade do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação de contato com a sociedade nacional resultou para os Terena em sucessivas alterações em todas as dimensões de suas vidas, pois além da diminuição de suas terras e segmentações das aldeias, possibilitou, também, a introdução de novos artefatos, tecnologias, crenças e símbolos. Conseqüentemente, essa introdução da cidade dentro da reserva criou, no imaginário Terena, a possibilidade de inserção nessa nova sociedade, adquirindo bens que passaram a ser essenciais para a subsistência; a partir de então, surgem às migrações para os centros urbanos.

No início das migrações para a cidade os índios Terena não se isolavam em guetos ou bairros indígenas, somente mantinham certas linhas de relações necessárias para a manutenção de uma história em comum. Naquela época as pressões e exigências para uma integração eram muito mais fortes, levando muitos, como vimos, a negarem sua própria origem.

O sistema de governo, na década de 50 e 60, trabalhava com a política de integração do índio, a gente estava sendo preparado, eu passei por isso, para ser um futuro não-índio. A minha cabeça realmente pensava assim: - Eu vou ser o piloto de uma empresa aérea internacional, estou estudando inglês, francês, quero ter uma chácara em Cotia, um apartamento no Rio de Janeiro - Minha cabeça era assim. Por quê? Porque na minha cabeça tinha um chip que me conduzia desse jeito, só que o chip indígena não tinha morrido" (TERENA, 2000, p.38).

No final da década de 60 (sessenta) e início de 70 (setenta), o "chip" (não só Terena, mas Tenetehara, Kaygang entre outros) com a ajuda de movimentos sociais indígenas, cresceu e ganhou espaço. Com as inúmeras organizações que foram surgindo, o ser índio passou a ser fonte de orgulho:

A partir do final dos anos 60, quando movimentos sociais de afirmação de identidade começaram a eclodir - como no caso dos índios, o pan-indianismo está aí para confirmar - a auto-afirmação da identidade indígena passou a ser uma regra de aceitação absoluta pelo movimento. O ser índio passou a ser fonte de dignidade e de autovalorização do 'Nós tribal'... O reconhecimento da identidade do indígena como ser coletivo passou a ser mais do que um direito político; passou a ser um imperativo moral. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000, p. 18).

Aliados a esses movimentos estão às capacidades de transformação, adaptação e reinvenção cultural das sociedades tribais em meios diversos.

O bairro Marçal de Souza é um exemplo de como os movimentos sociais, aliados à dinâmica cultural, atuam. Demonstra-nos como os índios Terena, organizados e articulados, se adaptam ao território urbano: recriando novas formas de uma vivência social e cultural, adaptando elementos antigos e tradicionais à nova realidade espaço-social. Procuram reelaborar e acentuar características culturais, que mesmo modificadas e transformadas lhes dão unidade como povo: o ensino da língua, a produção de artefatos, a prática de danças em épocas festivas e os agrupamentos em associações e organizações indígenas.

Carneiro da Cunha (1986), ao falar sobre a manifestação da etnicidade em sociedades multiétnicas, diz que a mesma se vale de certos traços culturais para produzir diferenças, acentuar e contrastar dentro da sociedade em que atua. A etnicidade é uma forma de linguagem que utiliza signos culturais para falar de grupos sociais.

As culturas são sistemas interdependentes, determinados e organizados por um todo; usadas como "signos" em uma realidade pluriétnica, as culturas acabam assumindo novos papéis e significados, misturando a etnicidade que proclamam, com novos elementos.

Portanto, as mudanças e alterações de certos traços tradicionais, tanto na aldeia como na cidade, não afetam a vivência de uma cultura Terena, pois a cultura: "não é

algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventando, recomposto, investido de novos significados" (CARNEIRO DA CUNHA, 1986, p.101).

Dessa forma, os índios Terena urbanizados, contrastando com as demais comunidades urbanas, demonstram que possuem sua própria história, e que continuarão produzindo e recriando diferenças, através da dinâmica processual de sua cultura.

REFERÊNCIAS

ALTENFELDER SILVA, F. Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 3, 1949.

AUZIAS, J. *A antropologia contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.

AZCONA, J. *Antropologia II: cultura*. Tradução de L. Orth. Petrópolis: Vozes, 1993.

BALDUS, H. Textos Terena. *Revista Terra Indígena*, Araraquara, ano 7, n. 55, p. 18-20, 1990.

BRANDÃO, C. R. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *A sociologia do Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

_____. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos índios Terena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alves, 1976a.

_____. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976b.

_____. Os (des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 42, 2000.

_____. *Urbanização e tribalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CARNEIRO DA CUNHA, M. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Schwarcz, 1998.

_____. *O futuro da questão indígena*. São Paulo: IEA/USP, 1993. (Coleção Documentos, Série História Cultural).

CARVALHO, S. M. S. Chaco: encruzilhada de povos e “melting pot” cultural, suas relações com a bacia do Paraná e o Sul matogrossense. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Schwarcz, 1998.

FERNANDES, J. R. *Da aldeia do campo para a aldeia da cidade: implicações socio-econômicas e educacionais no êxodo dos índios Terena para Campo Grande/MS*. 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 1997.

ISAAC, P. A. Terena de Mato Grosso: da expropriação à periferia da cidade. *Revista Terra Indígena*, Araraquara, ano 15, n. 81, p. 108-142, 2000.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LEVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976.

MARTINS, G. R. *Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Universidade Federal de MS, FNDE, 1992.

MATTA, R. da. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

OBERG, K. A economia Terena no Chaco. *Revista Terra Indígena*, Araraquara, ano 7, n. 55, p. 20-38, 1990.

RIBEIRO, D. *A Integração das populações no Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

SCHADEN, E. *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Nacional, 1976.

SOUZA, L. G. *História de uma região: Pantanal e Corumbá*. São Paulo: Resenha Tributária, 1973.

TERENA, M. Entrevista dos 500 anos. *Revista Caros Amigos*, p. 36-41, abr. 2000.

ARTIGO RECEBIDO EM 2001.